

isto é, uma sociedade de concorrência, onde existe uma cultura de competição que entra em choque com a solidariedade das crianças na base dos seus grupos de pares. A solidariedade através do grupo de par é crucial para o desenvolvimento individual da criança e a disciplina da escola, ou a suposta chamada disciplina da escola, acaba por ter efeitos negativos sobre esta importante solidariedade que eventualmente proporcionará a tal autonomia individual.

Está aqui a flutuar no ar a questão: mas o que é que seria então uma escola não agressiva? O que seria uma escola não violenta? O que seria uma escola mais harmoniosa?

Evidentemente, temos que distinguir entre escolas nas áreas rurais das escolas semi-rurais, semiurbanas daquelas escolas que encontramos nas nossas cidades e, especificamente nas cinturas das grandes cidades, onde encontramos o fenómeno de exclusão cada vez mais evidente e que nalguns países, como os Estados Unidos, já atinge uma percentagem importante da população do país. É como se tivesse havido um processo de disciplinalização, através da escola de massas, através da escola obrigatória, que se vai desenvolvendo ao longo do século XIX, precisamente com a ideia de que é um processo legitimado pelos benefícios da ordem. É quase como se esse processo fosse hoje em dia contraprodutivo. Contraprodutivo precisamente porque tais mecanismos de legitimação têm sido postos em causa, porque as pessoas vêem que de facto a escola é desigual, que a escola é terrivelmente concorrencial. Estamos no terreno da chamada crise da escola. Como é que nós saímos desta crise?

Intervenções gerais

Ana Maria Duarte (professora aposentada, Escola Leonardo Seixo)

Há escolas realmente onde os alunos são punidos e que são um espaço de violência muito menor do que a vida. Eu estou a lembrar-me do livro dos alunos da escola de Barbiani e vou dizer a frase em francês para chocar um bocadinho menos: quando ele diz, «Professora, a escola é muito melhor do que *la merde de la vie*».

Ora bem, eu fui pelos vistos uma pessoa muito afortunada porque trabalhei quase quarenta e cinco anos e não vivi escolas indisciplinadas. A indisciplina

na escola para mim não existe, existem casos de indisciplina, até muito sérios, muito sério existiu apenas um, que infelizmente foi da cadeia de Custóias para a de Setúbal, hoje está em Passos de Ferreira. E para a resolução desse caso eu pedi o auxílio da então Inspectora Irene Cortesão, que me valeu muito porque eu queria salvar o miúdo da expulsão, e salvámos. E esse era dos tais para quem a escola era muito melhor do que a merda da vida dele, que aliás era meu vizinho.

Vou dar mais exemplos: ao fim de quarenta e cinco anos, podia estar quarenta e cinco horas a contar historinhas, felizmente agradáveis. Vou só dizer que visitei há dias a escola que deixei há poucos meses e encontrei três alunos que sistematicamente reprovam por faltas e passam os dias na escola, isto é absolutamente sintomático. E eu só queria perguntar como é que nós estamos a falar na violência da escola separadamente da violência da vida e da sociedade e da violência do futebol e da violência da televisão e da violência de tudo. Quanto tempo nós temos a criança na escola connosco e quanto tempo depois a sociedade pega nela? E essa sociedade não é uma sociedade de competitividade cada vez maior, onde os valores morais são cada vez mais esquecidos, onde tudo é permitido? Como é que uma escola, ainda que os professores fossem todos supratudo, como é que uma escola conseguiria contrabalançar isso? Por outro lado, e eu aqui peço desculpa à Filomena, mas fiquei um bocadinho desconsolada, até porque a minha passagem à reforma resultou de um acto de ter ouvido uma coisa que achei de uma extrema injustiça para os professores. Ela pintou um quadro de uma ordem de serviço que é ridícula. Nas escolas onde eu trabalhei as ordens de serviço passavam pelos Conselhos Pedagógicos. Deve ser muito infeliz uma escola onde um Conselho Pedagógico, formado por um grande conjunto de professores, deixa passar uma ordem de serviço dessas!

Eu tive a sorte de nunca, realmente, apanhar uma coisas dessas. E eu pergunto: e os professores não são eles próprios vítimas de uma violência, de uma violência enorme?

– Desta violência? (fala a Filomena).

Não só dessa, Filomena. Olhe, da escolha da profissão que não lhe foi dado fazer; hoje ninguém vai para o curso, ninguém ou muito poucos vão para o curso que querem, vão para onde tem vaga e nós temos professores que não

queriam ser professores, não gostavam. E digo-lhe uma coisa, deve ser muito trágico, e eu já tive ocasião de ver, uma pessoa que era engenheiro civil numa aula em que só não chorou porque dizem aos bons costumes que um homem não chora. Mas, por dentro, de certeza que ele estava a chorar. Ele não queria ser professor, ele era um engenheiro civil. Portanto um professor começa a ser vítima porque não foi por escolha, porque não foi por vocação, porque a faculdade, muito bem disse Ana Benavente, não o prepara para isto. Eles saem, chegam às escolas e o que se lhes apresenta é a realidade de uma angústia. Eu, à medida que me fui aproximando do fim, dizia que cada vez tenho mais pena dos professores. Sobretudo os que começam sentir-se completamente perdidos quando encontram esses problemas graves, estas situações que nós sabemos. E esses professores, do que eles precisavam era da amizade de alguns, mas «vou a correr que tenho de ir dar uma aula aqui, tenho de ir dar outra aula acolá». Isto não é uma violência extrema? E eu pergunto-me, a violência na escola não é disto? É a violência na sociedade, porque não se pode dissociar, não há possibilidade.

Telmo Caria

Noutro dia uma professora dizia assim: eu também não me interessava na escola e isso não era razão para eu ser má educada com os meus professores. Eu penso que quando se diz isso, isso revela até que ponto não se compreende, eventualmente, o que se pode estar a passar em muitas cabeças, ou em muitas crianças ou em muitos jovens, porque de certa forma estamos a ver noutros a imagem daquilo que nós somos ou daquilo que nós fomos. E penso que isso limita muito a capacidade dos professores interpretarem aquilo que acontece à sua volta. A solução mais imediata e mais quotidiana de todos nós é interpretarmos um pouco as coisas à imagem daquilo que nós conhecemos (...).

Várias intervenções que se fizeram chamaram a atenção justamente para a necessidade de pensar primeiro a aprendizagem e depois o comportamento, e não o inverso. Na minha experiência de investigação e formação com professores, o que me parece interessante referir é que de facto a maioria dos professores associa primeiro o comportamento e depois a aprendizagem. Mas o que me parece também interessante é que as mesmas pessoas noutros momentos fazem uma apreciação inversa, e chegam a dizer: Ah! Lá está ele! Era mau com-

portado, mas agora começou a aprender umas coisas e já se modificou. Bom, o que me parece que seria interessante era perceber que miúdos são estes e que circunstâncias são estas que fazem o mesmo professor num determinado momento dizer que a aprendizagem depende dos comportamentos, e depois, noutro momento, noutra circunstância, dizer exactamente o inverso.

Ainda que os professores façam grande esforço, muitos deles, nesta dimensão de criar relações interpessoais com os alunos, há aqui uma situação de grande desproporcionalidade relativamente a esta possibilidade de fazer isto e a grande quantidade de alunos que muitos professores têm – falando concretamente do preparatório e secundário, não necessariamente do ensino primário. Portanto, penso que há aqui uma certa impotência, porque ao mesmo tempo que muitos professores admitem que medidas punitivas ou disciplinares não levam muito longe, também é esse o recurso que é mais utilizado por eles. Neste sentido, parece-me que há uma certa polarização entre usar os procedimentos de carácter formal e disciplinar ou usar os de carácter informal e interpessoal. E aquilo que eu tenho observado é um pouco isto, entre uma coisa e outra não há nada.

E parece-me que não há nada, ou pelo menos eu penso que não há nada, porque o diálogo que os professores têm entre eles é muito pouco. Aqui estou a falar do diálogo profissional, e não dos desabafos que têm no dia-a-dia e das coisas que lhes vão acontecendo. O diálogo entre eles, como é que cada um faz e como é que cada um resolve, não acontece, e na medida que não acontece os professores ficam um pouco espartilhados entre o actuar formalmente disciplinarmente ou actuar informalmente e afectivamente.

Penso que há necessidade nas escolas de criar outro espaço de diálogo e de troca e de actuação. Só para acabar, gostaria de fazer uma associação entre a questão da disciplina/indisciplina e a questão da avaliação. Noutro dia uma professora dizia-me assim: «Eu fiquei surpreendida na reunião do grupo disciplinar, porque, desde que sou professora, eu tinha considerado que nós não devíamos penalizar os alunos pelo seu comportamento, mas sim por aquilo que eles aprendem. Mas comecei a ver toda a gente falar agora da nova avaliação e parece-me que toda a gente acha que o comportamento agora já conta para nota. Eu não percebo o que querem que eu faça. Querem que eu eduque toda a gente e mais alguma quando os modelos e padrões da conduta que eles

têm na sua família (...), dos seus pais, etc, (não foi exactamente as palavras dela, agora eu estou a usar as minhas palavras) são tão diferentes? Independentemente daquilo que a escola pede, eu tenho que ter consciência de que eu só posso fazer algumas coisas, não posso enfrentar tudo. E de facto, aquilo que eu conseguir, pois, muito bem, pois eu procuro sempre chegar aos alunos e fazer com que eles se sintam bem na escola, mas há alunos que estão para além das minhas capacidades. E portanto, eu vou penalizar esses alunos só por serem mal comportados na aula».

Penso que há aqui um problema, que é o problema de qual é o entendimento que os professores têm, a forma como interpretam, quando o Ministério manda avaliar atitudes ou valores. Penso que há aqui uma ideia que muitos professores têm de avaliarem atitudes e valores dentro de um modelo comportamental e normativo. Quer dizer, ou eles se comportam como a gente quer ou então são penalizados, em termos de avaliação, para esse facto. E penso que a questão da educação de atitudes e valores não passa necessariamente por aí.

No entanto, tenho visto muito pouca preocupação da parte do Ministério nesse aspecto, de tal maneira que penso que isso é comum hoje fazer-se nas escolas para quem quer estar dentro do espírito da reforma.

Ana Benavente

A questão que o Telmo acabou de levantar é uma questão que me interpela profundamente, porque eu acho que a escola tem a obrigação de explicitar comportamentos, atitudes e valores, porque eles são sempre trabalhados, desenvolvidos na escola. Só que geralmente são da ordem do obscuro, do escondido, do implícito, do não dito. É isso que se chama também currículo escondido; é isso que se chama o currículo paralelo. Acho que é preciso explicitar o que se quer, também desse ponto de vista (...).

É verdade que há violência na sociedade, que há violência nas famílias, que há muitos padrões de comportamento que entram na escola. Mas a escola produz a sua própria violência, produz as suas próprias perversidades, não é apenas um filtro, reflexo, um sistema irresponsável ou neutro; a escola produz os seus próprios silêncios, as suas próprias injustiças e os seus próprios mortos e feridos. Há correntes mais favoráveis do que outras, há situações sociais que dificultam mais ou que facilitam; é evidente que não é por acaso que há muito

mais insucesso escolar numa escola numa periferia, com crianças ou jovens que vêm de culturas não letradas, do que numa escola em que estão crianças de classe média ou filhos de pessoas de cultura letrada. A escola tem a sua cota parte de responsabilidade, tem, e é por isso que nós somos profissionais e não somos apenas uns aplicadores de uma coisa qualquer e temos grandes responsabilidades sociais nos resultados que a escola produz.

E já agora só queria reagir à questão das pessoas que não escolhem a profissão. Qualquer que seja a razão para qual se vai para uma profissão, ou se está como profissional, ou se está como empregado. Eu acho que independentemente, ou para além, isso agora é o caminho de cada um, do modo como lá se chegou, é o modo como lá se está. E há pessoas que até, às vezes, vão para a profissão de professores sem grandes escolhas e gostam, e estão, e assumem e desenvolvem e aprendem, e há outros que até foram por vocação e estão lá dando o mínimo daquilo que faz a profissão de professor. Portanto, para mim, hoje, não é tão importante saber como lá se chegou, mas o modo como lá se está.

Luíza Cortesão

Nós estamos aqui numa situação privilegiada, em que todos nós somos professores, e portanto, não fica mal pensarmos que cota parte de responsabilidade é que temos neste problema. O que não significa, não pode significar, que não pensamos em toda a complexidade de problemas mais vastos que se levantam, que existem, que jogam, que interactivam em qualquer problema educativo. E a questão da indisciplina é um deles. Suponho que será um pouco redutor, um pouco ingénuo, esquecer todos e dizer: não, o importante é este. Há muita coisa em jogo sempre e entre outras coisas, nós professores estamos lá também.

Na minha opinião, é, no mínimo, ingénuo dizer que a razão é esta, só. E o meu pedido de palavra veio na sequência de uma intervenção que fez o Telmo, em que disse que haveria só essas duas possibilidades de agir: ou a possibilidade punitiva, de intervenção disciplinadora, ou a tentativa de resolver as coisas pela relação afectiva, que não é possível, ou é difícil, de fazer com tanta gente.

Efectivamente, há uma parte de verdade naquilo que diz. Mas o que eu creio é que, mais uma vez, é um pouco redutor pôr esta situação só assim. Uma das coisas que eu gostaria de lembrar é que nós temos que pensar que há

turmas que são indisciplinadas numa situação e que noutras não são. E temos que pensar por que será que isto acontece?

Gostava de lembrar que os jovens têm uma grande quantidade de energia dentro deles. Uma grande quantidade de energia que descarregam de qualquer maneira. E que se tiverem uma coisa muito interessante a fazer, na qual se empenhem, que tenha significado para eles, o seu comportamento terá muito maior probabilidade de ser um comportamento não disruptivo, não violento, etc. Será, por exemplo, nem a situação de repressão, nem a situação de levar as coisas só pelo afecto (mas também o afecto aqui anda), que resolve a situação; o facto de gostar do que se está a fazer, daquilo ter alguma coisa que ver com os interesses da pessoa.

Creio que um dos grandes males é a escola ter muito pouco a ver, ter muito pouco significado para as crianças. Realmente, as crianças e os jovens pensam que há muitas outras coisas muito mais importantes do que aquilo que se passa na escola. E de quem é toda esta responsabilidade? É de todos, da sociedade, da estrutura do sistema educativo, do currículo, dos professores, das escolas, dos espaços, etc.

Nós temos, portanto, qualquer coisa a fazer, também.

Raul Alves

Quando pensamos em disciplina/indisciplina, normalmente (...) uma coisa supõe a outra. É que não existe disciplina sem indisciplina, nem existe indisciplina sem disciplina. Ao fim ao cabo temos aí duas coisas que funcionam unidas, e se pensarmos um bocadinho, se analisarmos a forma como nós estamos presentes aqui nesta sala, aquilo que nós encontramos é que como professores formados pela escola, que todos nós conhecemos, fomos habituados a ser pessoas muito disciplinadas. Todos nós somos muito disciplinados, talvez por isso o nosso espanto quando na aula há toda uma série de comportamentos e quando os alunos se desligam a um certo nível que é para nós inaceitável, dizemos que estamos na sala em que há indisciplina.

Esta questão (queria só dizer no sentido de colocar as pessoas neste plano de relatividade) é muito relativa. Eu compreendo perfeitamente em relação ali àquela senhora pela forma, felizmente, *indisciplinada* como ela interveio, que ela tenha todo um conjunto de situações que a levem a referir que não

conhece indisciplina na escola. Isto é uma coisa que para mim é bastante salutar.

Porque eu não entendo como é que criticamos o trabalho infantil e dizemos que as crianças têm que ir à escola, que são nove anos de escolaridade, porque têm que viver a infância antes de serem adultos. Mas aquilo que nós fazemos ao fim e ao cabo é tirar a criança do seio da família e colocá-la precisamente na fábrica, só que é noutra fábrica. É numa fábrica que é a escola. E basta nós irmos à escola para vermos que ela funciona como uma fábrica: quando ouvimos um sinal estrondoso, todo aquele magote de crianças se desloca para o recreio, outro sinal quando aquele magote de crianças se desloca para a sala de aula, tipos de comportamentos uniformes em termos da sala de aula (...).

Eu acho que a questão da disciplina/indisciplina só se resolve quando nós conseguimos ser mais indisciplinados (...). Eu sou professor; tenho uma classe que, felizmente, é bastante indisciplinada!

Agora também há aqui outra questão, que é nós termos consciência de até que ponto é que podemos gerir, aproveitar, dessa indisciplina sem criarmos um gueto, ou um grupo, ou uma situação, que mais tarde seja prejudicial em termos de integração na sociedade, progressão de estudos, etc. É difícil de gerir essas coisas, mas eu acho que esta questão da indisciplina se resolve mais rapidamente quando nós conseguimos interiorizar a necessidade que todos nós temos de indisciplina.

Maria Arminda Torres

Creio que a Ana Benavente disse qualquer coisa extremamente interessante que é a necessidade de clarificação. Nós temos essa grande responsabilidade e um dos grandes males é exactamente não clarificarmos os nossos silêncios. E isto relativamente a tudo, relativamente ao que queremos desenvolver com os alunos, ao estabelecimento de regras do jogo, não só de comportamento de grande grupo, ou turma, de pequenos grupos, como até no processo ensino-aprendizagem. Quando abordamos um ponto do programa mais chato, nós até concordamos que não está bem adequado àqueles alunos, que é pouco motivante. É importante conversarmos sobre isso com eles, e estudarmos com eles a maneira de conseguir tratar aquelas coisas. Tudo o que seja um grande

diálogo da escola com os seus alunos é extraordinariamente importante. Tudo o que seja também do Ministério, nos seus textos normativos, nas suas circulares etc, explicitar as coisas é extremamente importante. Eu fico extremamente arrepiada quando ouço coisas como a que aquele colega disse. Como é que agora eu vou avaliar as atitudes e valores? O Ministério tem a obrigação de dizer quais são esses valores; a escola tem que os explicitar, mas também tem que dizer aos professores que têm que dar a conhecer aos alunos, aos encarregados de educação. Não se pode avaliar nada que efectivamente não se trabalhou, e trabalhou bem. Isso é fundamentalíssimo, e assim como relativamente ao que foi dito sobre a circular que é perfeitamente escandalosa (que parece ser impossível que possa existir). A responsabilidade das escolas relativamente à indisciplina com coisas deste tipo é muito grande pela rigidez.

Gostava também de focar um outro aspecto que acho muito importante. Se a escola peca pela grande rigidez, por outro lado, peca muitíssimas vezes pela sua demissão, pela sua permissividade. Penso que isto é um aspecto extraordinariamente importante. Ainda há pouco houve na minha escola uns processos disciplinares sobre um livro de ponto, e eu tenho a certeza absoluta que os alunos não sabiam qual era a importância ou gravidade de mexer num livro de ponto. Todas estas coisas passam realmente por uma clarificação. As grandes responsabilidades da escola relativamente à indisciplina passam efectivamente pelo silêncio. Para mim, contam muito os silêncios, tanto ou mais quanto a explicitação de normas rígidas, porque elas, existindo, nós podemos lutar contra elas, e não existindo, não sabemos como havemos de fazer.

Agostinho Ribeiro

Eu já estava disposto a desistir, mas já que é me dada a palavra gostava de dizer que, como a Ana Benavente, eu me indigno com este tema. E tenho recusado sistematicamente tratar perante educadores quer seja o tema disciplina, já não digo indisciplina, quer o tema castigos, mas já que é esse o tema vamos a isso.

Eu acho é que caímos facilmente em considerar disciplina como um objectivo. Para mim, a disciplina é um instrumento. Pelo menos, quando se fala da disciplina exigida numa sala de aula e até a disciplina que os pais podem exigir dos filhos lá em casa, mas mesmo que nós considerássemos a disciplina como

um objectivo pedagógico na escola, a verdade é que o que habitualmente se faz é tratar a disciplina como uma exigência *a priori*, isto é, supõe-se que uma criança que entra na escola é capaz de se sujeitar imediatamente àquelas regrinhas todas (...).

Ora bem, eu acho que a mensagem do Itúrra, chamando a atenção para as características das crianças, para quem ainda por cima a vida do grupo é muito importante, e tem um papel educativo importante, acho que esta chamada de atenção é de facto de considerar.

Eu disse há um bocadinho que a disciplina na educação tem um valor que, a meu ver, deve ser um valor instrumental, quer dizer que deve ser adequada a certos objectivos e enquadrada em certas metodologias. E, portanto, na medida em que houver normas gerais de disciplina, essas normas são *a priori* inadequadas, porque não podem estar adequadas a todas as situações pedagógicas pois elas são as mais diversas.

Filomena Vasconcelos

Estava a pensar e vi aqui três tipos de alunos indisciplinados. Apareceram primeiro o grupo de alunos que se sente mal em casa, que se sente mal no meio, que se sente mal na família, que se sente mal nos vários meios. E que chega a escola e é duplamente penalizado porque é indisciplinado. A questão é assim: não terá este grupo direito a um contexto educativo que lhe dá a resposta que a família, por determinadas circunstâncias, não consegue dar?

Um segundo grupo de alunos tem a ver com aqueles que à entrada da escola primária, como a Ana referiu, do 1º ciclo, são logo colocados em situação de exclusão social. Estou a falar daqueles 20, 30% de alunos, de uma escola normal, que têm características que levam as professoras a dizer: «Pois é, vão ficar para trás». Este é outro tipo de indisciplinada – isto é, violência – escolar.

E o terceiro tipo, digamos assim, que seria o mais corrente, tem que ver com os alunos que estão na escola e querem aprender, e que gostavam de fazer alguma coisa de positivo, e que gostavam de estar bem na vida e que a escola lhes sonega esse direito. Quando eu pego num boletim, enquanto encarregada de educação, que diz que o meu filho participa indevidamente na aula, porque quer aprofundar coisas, porque quer conhecer, porque quer compreender melhor, e é penalizado porque participa indevidamente, enquanto

mãe não sei o que fazer. É porque ele não está a responder às expectativas do professor, em termos de participação? Aqui coloca-se a questão da avaliação, para ver o que é que eu quero que seja avaliado: uma participação que é aquela que permite que o professor dê a aula como tinha planificado, que cumpra os objectivos burocráticos, ou uma participação activa que se baseie numa educação que faça alunos criativos?